

Escuta inumana: murmúrios de uma vida irrepresentável pelo grito arquivista...

Inhuman listening: whispers of a life that cannot be represented by an archivist cry...

SUSANA OLIVEIRA DIAS¹

RESUMO: Sons penetrantes e alaridos constantes são emitidos com força por fotografias e mapeamentos genéticos que estão entranhados num movimento contemporâneo – do qual participam ciências e artes – que quer afirmar: arquivar é não desaparecer! Mas, como diz Gilles Deleuze, “quando o poder toma assim a vida como objeto ou objetivo, a resistência ao poder passa a invocar a vida, e volta-a contra o poder” (DELEUZE, 2005a, p.124). Aceitar o convite deste filósofo e exercitar uma escuta inumana, capaz de dar a ouvir que os gritos deixam escapar algo impossível, intolerável e precário: o testemunho do desaparecimento. Geram uma decepção que dá a ver algo de irrepresentável nas imagens, palavras e sons. Para José Gil, o vazio, a diferença, o irrepresentável, abriria tensões, permitiria não um preenchimento, mas uma circulação infinita de forças: “em que possível se reúne ao infinito” (2005, p.32). Pensamentos que quero expandir em conexões com *A Biblioteca dos Enganos*, de Walmor Corrêa, e *Arquivo para uma obra acontecimento*, de Suely Rolnik, para pensar como estas obras se inventam desde dentro do grito arquivista. Não recusam, nem denunciam

1. Bióloga, Mestre e Doutora em educação, é pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor)/Unicamp, do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri)/Unicamp e líder do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações. É professora do programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do IFCH-Unicamp, na linha de pesquisa “Modos de conhecimento e suas expressões: Experiências e Trajetórias”, ambos da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. *E-mail:* susana@unicamp.br.

os arquivos. Também não aderem a eles. Promovem um esvaziamento vital da política arquivista, transformando-a em objeto de experimentação. Criam superfícies murmurantes, subtraindo a força de morte e memória dos arquivos e extraindo uma vida que faz parte da própria força arquivista. Uma vida que se efetua como a capacidade de resistir da própria força. Ouvimos um mar...

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo; imagem; desaparecimento; experimentação.

ABSTRACT: Intense sounds and constant noises are strongly emitted by photographs and genetic mappings that are embedded in a contemporary movement – including arts and sciences – that wants to claim: archiving is non-disappearing! As Gilles Deleuze states, however, “when power takes life as its object or goal, resistance to power begins invoking life, and turns it against power itself” (DELEUZE, 2005a, p.124). Accepting the invitation of this philosopher and exercising inhuman listening, being capable of hearing the screams that utter something impossible, intolerable and precarious: the testimony of the missing. They generate the disappointment that allows us to see something that is unrepresentable in images, words and sounds. For José Gil, the emptiness, the difference, the unrepresentable, would open tensions, would not allow fulfilment, but an infinite movement of forces “in which the possible is reunited to infinity” (GIL, 2005, p.32). These are the thoughts that I want to expand on connections with *Library of Mistakes*, by the artist Walmor Corrêa, and *Arquivo para uma obra acontecimento*, by Suely Rolnik, in order to consider how these works are invented from within an archivist’s cry. They do not refuse, nor do they denounce the files. They also do not adhere to them. They promote a vital void from the archivist policy, transforming it into an object of experimentation. They create whispering surfaces, subtracting the force of death and memory of files and extracting life that is part of the archivist’s own strength. A life that takes place just like the ability of resisting of the force itself. We hear a sea...

KEYWORDS: Archive; image; disappearance; experimentation.

ARQUIVAR É NÃO DESAPARECER?

A pergunta que murmura neste texto, e que quer se insinuar por entre bancos de dados genéticos e fotográficos de pessoas desaparecidas, é²: como ler-escrever

2. Dia 25 de maio de 2011 foi instituído o dia estadual da criança e adolescente desaparecido por meio de decreto assinado pelo governador Geraldo Alckmin. Esse decreto visa à obrigatoriedade de escolas, abrigos, creches, entre outros de **tirarem fotos anuais de crianças e adolescentes para que as mesmas sejam prontamente localizadas em caso de desaparecimento**. Nesse evento também foi lançado o **2º livro do**

o desaparecimento de uma vida? A violência do desaparecimento movimentada uma obsessão contemporânea – o arquivismo – e dá a ver e ouvir como imagens, palavras, sons, corpos e coisas tornaram-se dados. Dados que se querem poder de vida pelo preenchimento dos vazios sentidos, que sofrem um tratamento massivo e refinado com uma intensa vontade de apropriação dos corpos, do mundo como documento: detenção, retenção e invenção de arquivos eficazes. Escrita-pesquisa que investe em problematizar as políticas policiais da linguagem, a envolver o ordenamento dos dados acionados para fazer funcionar, ao mesmo tempo, as ideias de uma vida que merece ser vivida e perpetuada a todo custo (uma vida sadia, vigorosa) e de uma vida que não vale a pena ser vivida (uma vida indigente, doente, criminosa, vagabunda). Corpos conservados em meio favorável dado. Corpos arruinados num dado meio desfavorável (DIAS; MACEDO, 2011, p.2).

Corpos, palavras, números, imagens e sons emitem gritos profundos, alaridos constantes. Desenham um mundo em ruínas, uma humanidade perdida, uma natureza destruída e culturas ameaçadas. Em meio ao caos, palavras de ordem mobilizam cadeias de ação-reação: agir, re-agir, agir, re-agir. Conter o caos. Reter o caos. Eliminar o caos. Erguer um mundo no qual não podemos mais crer e, numa sintaxe desesperada, empreender fortes movimentos de coleta, identificação, codificação, recuperação, conservação e controle do que resta, do que está no limite do desaparecimento. Corpos identificáveis. Imagens legíveis. Palavras compreensíveis. Números exatos. Sons decodificáveis. Gritos...? Escuta? O que escuta essa escuta arquivista???

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é extrair as linhas de morte que atravessam ciências, tecnologias, comunicações, educações e artes. É dar a ver como esses intensos movimentos arquivistas querem afirmar o arquivo como memória *do* mundo, como princípio organizador *do* mundo, como centro do qual emanam verdades e certezas *da* vida. Almejam determinar e condicionar nossas sensibilidades futuras, prometem a salvação. (Nossa última chance!). Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é, também, instalar-se levemente numa fissura entre linguagem e mundo, por onde vazam palavras, imagens, números e sons em transe, que não se contentam em arquivar o mundo em ruínas, a vida tal como ela é, tal como a

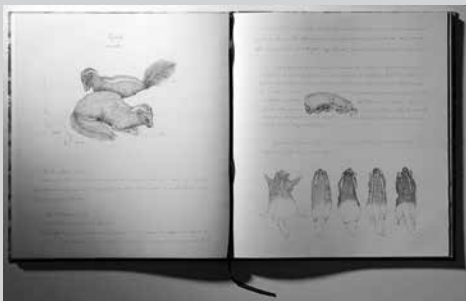
Projeto Caminho de Volta, Desaparecimento e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: relatos de pesquisa, de autoria de Gilka J. Figaro Gattás, Claudia Figaro-Garcia e Tatiana Savoia Landini. (grifos meus) Trecho de notícia divulgada no site do Projeto Caminho de Volta: busca de crianças e adolescentes desaparecidos no estado de São Paulo da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.caminhodevolta.fm.usp.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

vemos e vivemos, presa aos estados de coisas, às significações já dadas, mas que dão a ver uma incisão, que fere e mundo e linguagem, ao mesmo tempo. É dar voz aos desfuncionamentos, falhas, faltas... Gritos? Escuta?

Os arquivos desfuncionam... falham... E ciências, tecnologias, comunicações, artefatos culturais apostam incessantemente no produzir arquivos mais eficazes, que façam funcionar de modo permanente as políticas de identificação, categorização, qualificação. Investem em variáveis que querem sempre remeter às constantes de conteúdo e expressão. A ineficácia dos arquivos é atribuída à debilidade dos sistemas de identificação, das bases de dados disponíveis, dando força à invenção de mais e melhores bancos de dados. É preciso denunciar e eliminar a precariedade. Constituir o último arquivo. O fracasso da explicação forense, da história e dos mapeamentos de DNA – “porque o acontecido escapava às estruturas tradicionais de compreensão da razão instrumental histórica e ao mundo conceitual que se revela insuficiente” (CANGI, 2012, p.20) – dão a ver que há algo que não se consegue apreender e representar nestas imagens, palavras, corpos, coisas: a vida que faz parte da própria força, a capacidade de resistir da própria força. Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é dar corpo a uma precariedade, uma falha e uma falta menores, nas quais o que se apresenta sem uso e função, o inexato e o irrepresentável, a impossibilidade de correspondência, comparação, identificação e categorização, anunciam forças de escape às significações asfixiantes e sufocantes, promovem um engasgo na gramática dominante e expõem o mundo à violência do pensar que a questão do poder é a das forças que compõem o homem, o humano (DELEUZE, 2005a).

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é fazer uma sintomatologia de corpos, imagens, palavras, números, que se encontram doentes. Pele, tecidos e membranas normais, sem qualquer lesão, enrijecidas, o que ocasiona forte separação entre interno e externo, dentro e fora, sujeito e objeto, mundo e linguagem, impedindo fluxos, contágios. Visão nítida, sem manchas nem distorções ou embassamentos, que indicam redução da potência do falso e da visão já dada, sustentada e modelada pela busca da verdade. Músculos rígidos que garantem uma perfeita sustentação e deslocamento repetido de significações calcificadas na estrutura óssea de imagens e palavras. Coração ritmado, sem alterações nas pulsações-sensações, que se mantêm constantes entre 70 a 80 por pixel/caracteres, produzindo funcionamentos repetidos de um tempo linear e homogêneo. Vias aéreas com atividade esperada, em que o ar-tempo entra continuamente, sendo aquecido e filtrado, e

tornado eternamente presente nas trocas gasosas que deixam reter apenas os bons representantes e expulsam os maus representantes. Desses sintomas, produzidos por uma doença que já se tornou epidemia surda, retiramos uma possibilidade de pensar numa leitura-escrita que se quer presságio, pré-sentimento, anúncio de um acontecimento que chega e nos afeta: tornar imagens, palavras e sons doentes de si



Figuras 01 e 02. A Biblioteca dos Enganos, do artista Walmor Corrêa. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br/obra/biblioteca-dos-enganos/> Acesso em: 17 abr. 2014.

Walmor Corrêa é um apaixonado por arquivos: catálogos, coleções, gabinetes de curiosidades, bibliotecas, pranchas anatômicas... Suas obras exploram as conexões entre artes e ciências e propõem um deslocamento constante dos sentidos já apreendidos e fixados. Na obra *A Biblioteca dos Enganos* cria um arquivo que expõe os erros de um cientista. Criada a partir dos textos deixados pelo pesquisador alemão Hermann von Ihering, produzidos como resultado de uma expedição científica realizada no final do século XIX, quando registrou as espécies que faziam parte da fauna do Rio Grande do Sul. Ihering não desenhava, e Walmor trabalhou apenas com documentos escritos. Numa estante antiga, o artista expõe espécimes que surgiriam dos enganos do pesquisador alemão: proposições que

em sua época eram válidas e que hoje perderam o valor científico, pois seriam consideradas erros, enganos, equívocos.

Erros, enganos, equívocos... brechas por onde Walmor cria suas obras. Com um zelo de taxonomista, naturalista e enciclopedista, o artista gera espécimes impossíveis – gambás de vagina dupla; andorinhas que hibernavam – que graças ao efeito de verossimilhança (pelo uso dos desenhos científicos) se fazem existentes. O arquivo criado por Walmor expõe como o conhecer está mais atrelado aos erros do que às verdades, por isso, escolhe não dar visibilidade ao real que se submete ao modelo de verdade, mas ao erro que se faz verdade, fazendo com que as ciências fabulem, produzindo uma vida desajustada e inconforme com o saber.

mesmas, doentes de vida... Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é também pensar que a questão do poder é a das forças que compõem o organismo. É lançar palavras, imagens, sons, números, coisas, corpos em experimentações vertiginosas, que destituem o poder do arquivismo e fazem nascer forças capazes de entrar em relação com outras, que fazem variar as formas já dadas (DELEUZE, 2005a, p.98).

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é dar a ver e ouvir a violência com que tecnologias, objetos, palavras, imagens e sons desejam conter a vida. E, ao mesmo tempo, é rasgar o corpo-sentido e cantar com Gonzaguinha: “E a vida, e a vida o que é, meu irmão?”. É afirmar que a vida é o que não pode ser contado, é o que não pode ser arquivado. É deixar-se embebedar pela vida, dar língua aos afetos daqueles que já desapareceram. É interrogar: o que pode o arquivo quando levado ao limite? O que pode um arquivo impossível? O que pode o *arquivo*, o *ar quivo*, o *ar*...

Como, desde dentro do arquivo – pergunta que ressoa nas palavras-sopros de Eugénia Vilela (1998, 2010, 2011) – subverter suas lógicas mortais e extrair forças de vida? Como criar possibilidades de afirmação de novas formas de vida e existência? Possibilidades de romper com as forças estabilizadoras que atravessam imagens, palavras e sons, afirmando o arquivo não como documentação *da* vida, mas como experimentação *de* vida por entre ciências, filosofia e artes. Convites que ressoam do pensamento de Gilles Deleuze:

A potência de vida na arte em conexão com a aposta de vida singular no pensamento filosófico deleuzeano: vida não-orgânica, incorpórea, inorgânica. Ideia de vida que não se efetua, que está sempre em escape. Menos ser mais devir; transformação nômade, vida para além do encontro dos corpos, vida que é pensamento, pensamento que é indizível. (ROMAGUERA; AMORIM, 2011, p. 215).

Os movimentos arquivistas atravessam as relações entre os mundos e os conhecimentos e tecnologias em diversos campos do saber. A constituição de uma reserva de saber se dá pelo excesso e pela perda: de informações, de imagens, de palavras e de sons. É preciso extrair o DNA do arquivo, para que esse não se transforme num arquivo morto. Ao arquivo é preciso conceder uma finitude de possíveis, cuja regulação deve ser feita nos moldes estatísticos e de transformação do mundo, da realidade, dos corpos num imenso quebra-cabeça (mesmo que interminável), em que as partes correspondem a uma unidade e totalidade previamente determinada,

em que o possível é controlado pela fixação de uma variação dentro de um só universo (DIAS, 2008). Poderiam o excesso e a perda abrir feridas na realidade de onde vazaria constantemente uma multiplicidade (desajustada, louca e marginal) de sentidos de impossível ordenação, apreensão e contenção?

O PRECÁRIO E O IMPOSSÍVEL

O testemunho do desaparecimento joga com as forças da vida e da morte e força a criação de pensamentos (dados, palavras, imagens e sons) que convocam uma despedida e morte distintas, das quais, entretanto, nos tornamos capazes de extrair forças de vida (DELEUZE, 2006). Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é interrogar se seria possível um arquivismo que afirmasse uma precariedade que, desde dentro, acolhesse a sensação da falta, da falha, do escape, do vazio, do irrepresentável, mantendo-as vivas, abertas, ao invés de tentar eliminá-la a todo tempo por preenchimentos sucessivos. O irrepresentável e o vazio abririam tensões, permitiriam não um preenchimento, mas uma circulação infinita de forças: “em que possível se reúne ao infinito” (GIL, 2005, p.32). Uma falta em que nada falta. Pura abertura para o fora: “É assim que o fora é sempre abertura para um futuro, com o qual nada acaba, porque nada começou, mas tudo se metamorfoseia.” (DELEUZE, 2005a, p.120-121). Talvez tal experimentação passe pela subversão da proposição máxima que estrutura e organiza os pensamentos e ações na contemporaneidade: arquivar é não desaparecer!

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é questionar as políticas arquivistas que atravessam corpos, ciências, tecnologias, imagens e palavras na contemporaneidade, é passar pelos sentidos desse irrepresentável, incapturável, da decepção provocada pelos signos e forças sem correspondência no vivido.

Um sentido que aceite a aprendizagem de um certo desencanto (epistemológico, político, religioso e pedagógico); um sentido, em definitivo, que ensine que toda aprendizagem é, no fundo, a aprendizagem de uma decepção, pois a decepção é um momento fundamental de toda a busca no aprender, e porque poucas coisas não são decepcionantes da primeira vez que as vemos, pois essa primeira vez é a vez da inexperiência (DELEUZE, 1972, p.45). E a morte é, justamente, essa primeira vez. Esse instante de onde não se aprende a começar, e de onde ninguém nos ensina a morrer. E, sem dúvida, aprendemos. (BÁRCENA, 2008, p.153).

Mais do que reafirmar conceitos, fronteiras e ideologias, é no movimento do arquivismo que tais conceitos, fronteiras e ideologias são constantemente borrados e reorganizados (MIRANDA, 2011, p.10). Ler-escrever o desaparecimento de uma vida passa por interrogar se estaria o entrelaçamento entre o arquivismo e o desaparecimento – movimentado incessantemente por fotografias e perfis genéticos, ao investir violentamente numa política identitária – desautorizando as potências políticas afirmativas da desidentificação, do irreconhecimento, do falso, do anonimato, da multidão. Políticas em que a precariedade, a decepção e o fracasso não são empecilhos, obstáculos, mas antes forças convocadas no cruzamento entre ciências e artes e educação e comunicação e... Uma abertura dos arquivos ao oferecimento de “instantes inapropriáveis”, como pensa Alik Wunder com as fotografias:

Como um acontecimento que nos rompe inesperadamente. Um lugar de trânsito como um labirinto entre o que foi e o que é na imagem. O acontecimento como um vazio, uma lacuna dos sentidos, a emergência de algo novo, uma rachadura, linha do sentido rasgada, desfiada, triturada, esmigalhada que abre forças de pensamento. O acontecimento é inapreensível, irredutível ao mundo das palavras e das imagens, espalham sentidos em deriva. No efeito de um sentido desse instante não interpretável, não compreensível, outros são gerados. (WUNDER, 2008, p.3).

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é deixar pulsar desde dentro do arquivo, do desaparecimento e da morte a força vital do pensamento. É escutar os vazios sentidos que circulam infinitamente quando quem ouve, vê, percebe é a própria matéria de expressão das linguagens (limpa de mim), que tornam a experimentação algo que acontece, ao mesmo tempo, no corpo-mundo-linguagem (vida que extrai da morte a potência máxima). Usar a morte para viver...

Nestes manuscritos me fui limpando de mim.

Esses que me velavam sofriram de engano:

aquele, em cima do lençol, se parecia comigo.

Mas não era eu. O morto era outro, em outro fim de vida.

Eu apenas estou usando a morte para viver

Vô Dito Mariano

(COUTO, 2003, p.260)

Miranda propõe – ao pensar as artes, em que predominam as políticas arquivísticas de memórias poéticas, constituição de acervos de uma arte que merece ser conservada e exposta – a premente necessidade de “elaborarmos e alimentarmos as políticas poéticas do por vir” (MIRANDA, 2011, p.10). A reconexão com o passado, com os restos, com a morte, parece antes precisar se afirmar como exercício vital, de proliferação de vida, que depende da variabilidade estética. É essa ideia defendida por Suely Rolnik em *Arquivo para uma obra acontecimento* (2011), uma caixa-arquivo que apresenta a obra da artista brasileira Lygia Clark. Diante da obsessão pelos arquivos que também tomou conta do território globalizado da arte – e que passa pela investigação dos arquivos existentes, pela disputa dos objetos de maior valor nos arquivos, pela constituição de novos arquivos e sua exposição, pela como guerra de forças que disputam a vida –, Rolnik propõe a invenção de novos modos de abordar distintamente o inventário. “Segue-se um desconforto que mobiliza a necessidade de expressar o que não cabe no mapa vigente, com a criação de novos sentidos, condição para que a vida volte a fluir.” (ROLNIK, 2011, p.24).

Defende a possibilidade de se ativar sensibilidades no presente distintas das que foram vividas no passado com a criação de um inventário portador de uma força de um arquivo *para a vida* e não *sobre a vida*. Ler-escrever o desaparecimento de uma vida envolveria colocar a arte no corpo, dar voz e vez a uma experiência estética da sensação. A autora diferencia a sensação do sentimento e emoção. A sensação estaria num plano corporal inconsciente, já o sentimento e a emoção num plano psicológico. O objeto da sensação é o processo que desmancha mundos e engendra outros mundos e acontece em qualquer contexto em que a vida está sufocada, abertura ao processo de criação artística, de proliferação e afirmação da vida em situações-limites, de dor, violência, angústia (ROLNIK, 2011, p. 25).

Essa seria a força política da arte, pela criação de imagens, palavras e sons capazes de atualizar sensações, intervir nos processos de subjetivação, portadoras de uma intuição vital, necessária à invenção de possibilidades de resistência distintas. À arte não caberia um papel ideológico e de uma resistência imbuída de caráter defensivo, denunciativo, panfletário: a arte militante. Não se trata mais (ou apenas) de uma consciência dos funcionamentos, da explicitação das cartografias já desenhadas e impostas, dos pontos de início e fim já determinados (mesmo que a todo momento recalculados), mas de uma possibilidade de instaurar devires, que tornam o mundo movente, num processo de recriação constante.

O ÚLTIMO SORTILÉGIO

As políticas de identificação empreendidas por fotografias e mapeamentos genéticos dão a ver a aposta no arquivismo como resposta última aos problemas. Políticas que se engendram e ganham cada vez mais espaço por tomarem a vida como objeto de poder. Mas, como diz Gilles Deleuze, “quando o poder toma assim a vida como objeto ou objetivo, a resistência ao poder passa a invocar a vida, e volta-a contra o poder” (DELEUZE, 2005a, p.124).

A transformação dos humanos em bancos de dados é apresentada por Laymert Garcia (2003) como resultado de uma aliança entre tecnociência e capitalismo – virada cibernética –, capaz de conferir às ciências e tecnologias, em especial as biotecnologias, a função de motor de uma acumulação que, ao mesmo tempo, transforma o mundo em dados e consagra a inovação tecnológica como instrumento de supremacia econômica e política. O autor coloca em jogo os modos como as biotecnologias têm se afirmado como técnicas de gestão da vida transformada em informação. Reconfiguram, assim, a própria noção de informação e, assim, a luta, que não pode mais residir na defesa do mero acesso e democratização de informações, ciências e tecnologias. A questão não se situa apenas no acesso – no binômio inclusão-exclusão que tanto movimenta a divulgação científica, à qual se atribui intensamente um papel de democratização e participação pública nos sistemas de ciências e tecnologias –, mas no processamento das informações, corpos, mundos, que os transformam em instrumentos de conhecimento, apropriação da vida e produção de riqueza. A questão envolve um repensar a resistência ao arquivismo e às tecnociências. “Em outras palavras, luta pela possibilidade de outros devires, diferentes daqueles concebidos pela tecnociência e pelo capital global.” (LAYMERT, 2003, p.28).

A luta não parece passar por representar adequadamente, corretamente e dignamente nos arquivos, por abrir e democratizar os arquivos, por constituir os arquivos em que possam ser reconhecidos nele sujeitos, objetos, eventos. Parece ser preciso efetuar uma nova luta: a expropriação do homem dos arquivos, o exercício de uma escuta inumana.

Não há qualquer necessidade de invocar o homem para resistir. Aquilo que a resistência extrai do homem antigo são as forças, como diria Nietzsche, de uma vida mais ampla, mais activa, mais afirmativa, mais rica de possibilidades. O super-homem nunca

significou outra coisa: é no próprio homem que se deve libertar a vida, porque o próprio homem é uma maneira de a aprisionar. A vida torna-se resistência ao poder, quando o poder toma a vida como objeto. (DELEUZE, 2005b, p.125).

Se desde dentro dos arquivos a sobrevivência é ameaçada por um aniquilamento – o arquivo encarna a morte do mundo –, a inversão parece necessária: desde dentro do aniquilamento efetuar uma sobrevivência que ganha força por uma leitura-escrita-vida, quando os arquivos se tornam capazes de um ato de fabulação.

Uma política *quase* arquivista, que não se restringiria a desenterrar evidências no chão e no corpo que permitem reconstituir seres-mundos, mas, antes, afirmaria uma vida nova, algo que não foi visto, experimentado, nem vivido por alguém, que desafia a autoridade de sujeitos e objetos, de ciências e conhecimentos. Um real que chega à superfície como carne viva, que desestabiliza a autoridade de verdade do ossuário, da subsistência de um futuro que depende do *ser* do passado fossilizado, e permite totalizações e julgamentos. Uma morte, um aniquilamento distinto, *entre* corpos e linguagens, que detona *devires* e abre à sobrevivência pelas intensidades, fluxos, afetos libertados pela/na/com escrita-leitura.

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que não é possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal, de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mais imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população. (DELEUZE, 1997, p.11).

Ler-escrever o desaparecimento de uma vida é “Escrever por esse povo que falta... (“por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”); resalta Deleuze (1997, p.15). A invenção de um povo aparece como chance de a escrita-pesquisa lançar uma flecha que ataca, vitima, ao mesmo tempo, o mundo e a linguagem. Um fabuloso ato de amor, que fere a sintaxe e liberta um escuta amorosa, um amor singular, sem gente dentro, *quase* vazio. “A vida do indivíduo dá lugar a uma vida impessoal e no entanto singular, que produz um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade do que acontece.” (DELEUZE apud SCHÉREER, 2000, p.21). Perder a possibilidade de dizer eu, ser desapropriado. A estrangeiridade da língua permite não apenas a enunciação da singularidade impessoal, mas a anunciação, o *aparecimento de uma vida*.

REFERÊNCIAS

- BÁRCENA, F. Um canto interrompido. A melancolia do corpo na cerimônia do adeus. In: BORBA, S.; KOHAN, W. (org.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CANGI, A. Poética da luz, política do gesto. In: DIAS, S. O.; ANDRADE, E. C. P.; AMORIM, A. C. R. (orgs). *multiTÃO: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências*. Campinas, São Paulo: ALB; Brasília: CNPq/MCT, 2012.
- COUTO, M. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DIAS, S. O. *Papelar o pedagógico... escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.
- DIAS, S. O.; MACEDO, S. C. S. Wind in: breathless poetics and politics. *Anais International Conference & International Summer University Borders, Displacement and Creation*. Questioning the Contemporary, Porto, Portugal, 2011.
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pal Pélbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Foucault*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005a.
- _____. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. *Os mistérios de Ariana*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 2005b.
- GIL, J. As pequenas percepções. In: LINS, Daniel (org.). *Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LAYMERT, G. S. et al. *Revolução tecnológica, Internet e socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/revolucao_tecnologica_internet_e_socialismo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- MIRANDA. Apresentação. In: ROLNIK, S. *Arquivo para uma obra acontecimento*. São Paulo: SESC, 2011. p.5-9. Disponível em: <<http://issuu.com/edicoessescsp/docs/arquivoparaumaobra>>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- ROLNIK, S. *Arquivo para uma obra acontecimento*. São Paulo: SESC, 2011. Disponível em: <<http://issuu.com/edicoessescsp/docs/arquivoparaumaobra>>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- ROMAGUERA, A.; AMORIM, A. C. R. Vidas e(m) escape. *REU*, Sorocaba, SP, v.37, n.2, p.203-217, dez 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/index.php/reu/article/view/653>>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- SCHÉNER, R. Homo Tantum. O impessoal: uma política. In: ALLIEZ, É. (org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- VILELA, E. Silêncios tangíveis: corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto, Portugal: Afrontamento, 2010.
- _____. Do biopoder: ensaio sobre a relação entre a política e a vida no pensamento de Michel Foucault. *REU*, Sorocaba, SP, v.37, n.2, p.11-39, dez 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/index.php/reu/article/view/643>>. Acesso em: 01 mar. 2012.
- _____. *Do corpo equívoco: reflexões sobre a verdade e a educação nas narrativas epistemológicas da modernidade*. Braga-Coimbra, Portugal: Ângelus Novu, 1998.

WUNDER, A. “A passagem de um vazio” em fotografias de escolas. *ComCiência*, n.101, 10/09/2008.
Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=38&id=460>>.
Acesso em: 01 mar. 2012.

Recebido em 15 de dezembro de 2012 e aprovado em 23 de janeiro de 2013.